



O PENSAMENTO ESTRATÉGICO DO ALMIRANTE GORSHKOV

Augusto Sergio Ozório

Ao condensar, neste artigo, alguns pensamentos do Almirante Sergei Gorshkov, expostos no livro O Poder Marítimo do Estado, o autor estimula a discussão sobre os conceitos estratégicos da Marinha Soviética e especula sobre os motivos que teriam levado seu comandante durante 29 anos e membro pleno do Comitê Central do Partido Comunista da URSS a divulgar, tão ostensivamente, suas idéias.

INTRODUÇÃO

Nos momentos críticos que se seguiram à subida ao poder de Mikhail Gorbachev, na União Soviética, milhares de líderes que constituíam a geração mais idosa foram afastados dos altos cargos, abrindo espaço para a inesperada ascensão de civis e de militares mais jovens e menos comprometidos com os governos anteriores.

Nessa crise interna, que teve o seu apogeu na apresentação de propostas de reformas, que ficaram conhecidas na imprensa ocidental como "glasnost", o Comandante da Mari-

nha, Almirante Sergei Gorshkov, de 75 anos, foi substituído nesse alto cargo pelo Almirante Vladimir Chervanin, então com 57 anos.

Gorshkov, além de comandar a Marinha por vinte e nove anos, desempenhou as funções de membro pleno do Comitê Central do Partido Comunista da URSS. Durante o seu longo comando, foi o principal artífice da transformação de uma marinha costeira, convencional, numa força oceânica, nuclear, capaz de defender os interesses do Estado soviético onde isto se fizer necessário.

Por outro lado, como todo bom estrategista moderno,

Gorshkov deixou suas idéias sobre o Poder Marítimo expostas em vários artigos e documentos, que o próprio autor, em meados da década de setenta, consolidou na obra *O Poder Marítimo do Estado*,¹ leitura obrigatória para todos aqueles que, por motivos profissionais ou como base intelectual, interessam-se pelos assuntos navais na era nuclear.

Este ensaio tem o propósito de sumariar alguns pensamentos do respeitado Almirante e estimular a discussão sobre os conceitos estratégicos da Marinha soviética, bem como especular sobre quais seriam as motivações para divulgar tão ostensivamente essas idéias.

OS OCEANOS E O PODER MARÍTIMO DO ESTADO

Para o Almirante Gorshkov, o "Oceano Mundial" é uma fonte praticamente inesgotável de recursos químicos e minerais. Nele fluem as mais importantes e mais econômicas linhas de comunicações entre os países; são crescentes as possibilidades de exploração das energias química, mecânica e térmica da água do mar; os seus recursos vivos poderão ser uma das principais fontes de alimentação para a crescente população mundial; em consequência, a influência do ambiente oceânico

na economia dos Estados é imensa e multiforme.

A totalidade dos meios para usufruir o Oceano Mundial e dos meios para defender o interesse dos Estados, quando racionalmente combinados, constituem o Poder Marítimo do Estado. Esse poder expressa-se, prioritariamente, em termos da "capacidade do Estado em colocar todos os recursos e possibilidades do oceano a serviço do homem e de fazer pleno uso deles para desenvolver a economia, cuja saúde determina a vida do país, incluindo a sua capacidade de defesa". (5:ix) (5:2)

Sem dúvida, essa definição reflete o monismo econômico marxista, mas amplia e atualiza o conceito de Mahan, que via o mar, sob o ponto de vista político e social, como uma grande estrada, ou uma grande planície, por onde fluem as rotas do comércio.

Gorshkov vê o poder marítimo como um sistema, caracterizado tanto pelas ligações existentes entre os seus diversos componentes, como, também, pela inseparável união com o ambiente — o Oceano Mundial — em relação ao qual o sistema expressa sua unidade.

A expressão material do poder marítimo que se relaciona diretamente com a economia é constituído: pelas frotas (mercante, de pesca e de pesquisa); pela ciência dos oceanos, que assegura o estudo e a explora-

1. Morskaja moshch gosudarstva, em russo, e The sea power of the state, na edição norte-americana (5)

ção de suas riquezas; pelos diversos ramos da indústria; pelos quadros de cientistas, projetistas, engenheiros e técnicos, além do renomado conjunto de marinheiros empregados nos diversos setores marítimos.

Simultaneamente, o poder marítimo inclui a capacidade que as forças armadas possuem para defender o país de uma agressão vinda do mar.

A importância relativa de cada componente do poder varia de acordo com as condições do período histórico, mas o valor dominante de uma Marinha sempre permanece.

Condicionado pela ambiência de bipolaridade mundial e sofrendo os efeitos da grã-estratégia ocidental de contenção, Gorshkov assim justifica o crescimento atual do poder da Marinha Soviética:

- os teóricos militares e os ideólogos do imperialismo (especialmente dos Estados Unidos) vêem o poder marítimo como o principal instrumento para deter o socialismo e para manter seus aliados aglutinados em blocos agressivos;

- na expansão de seu poder marítimo, os imperialistas encontram os meios para continuarem a pilhar as nações, preenchendo o vácuo de poder gerado pela descolonização;

- a Marinha dos Estados Unidos desempenha o papel de segurador da expansão econômica dos monopólios;

- pela estratégia americana, as tarefas básicas precisam ser

cumpridas através de ataques por mísseis balísticos lançados por submarinos, pela aviação embarcada e pelos fuzileiros navais;

- a força destrutiva dos ataques nucleares é vista como uma-nova medida de poder naval e será utilizada em operações da esquadra contra alvos em terra. (5:2-3-4).

Por outro lado, para a União Soviética, que tem como principais metas de sua política a construção do comunismo e o contínuo crescimento do bem-estar de seus construtores, o poder marítimo constitui um dos principais fatores do crescimento da economia, para a aceleração de seu desenvolvimento técnico e científico e para a consolidação das relações científicas, culturais, políticas e econômicas do povo soviético com os povos e países amigos.

Sugere, então, que "enquanto o imperialismo existir, a inclusão da componente militar no conceito de Poder Marítimo do Estado é uma imperiosa necessidade". (5:2)

DESENVOLVIMENTO DAS MARINHAS APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A experiência de combate obtida na 2ª Guerra Mundial sugeria a construção de novos navios-aeródromos e de submarinos e o desenvolvimento de forças anfíbias. Entretanto, o impacto psicológico, gerado pelas

explosões atômicas americanas no fim da guerra, provocou uma quase paralisação, por dez anos, no desenvolvimento das Marinhas.

Esse choque foi acentuado pela propaganda dos norte-americanos, que frisava a onipotência da arma absoluta, visando à obtenção de seus objetivos políticos globais.

Em todos os países, discutia-se a viabilidade de uma Marinha num futuro cenário de guerra nuclear, e a União Soviética não ficou imune à apreciação dos extremados, que apregoavam até o desaparecimento das forças de superfície.

Tudo isso se passava, entretanto, numa época de limitada capacidade de emprego de armas nucleares, e somente o avião, que vencesse a defesa antiaérea, poderia desfechar ataques com a bomba atômica.

A criação da bomba soviética quebrou o monopólio nuclear americano, e os efeitos reais de uma explosão atômica puderam então ser corretamente avaliados. Operou-se logo uma verdadeira revolução técnica e militar no país. O papel de cada ramo das forças armadas foi revisto. No futuro, as diversas forças teriam de ser capazes de cumprir suas tarefas militares em qualquer cenário de guerra.

Enquanto isso, os "imperialistas preparavam a guerra contra os países do campo socialista". Em 1949, foi organizada a agressiva aliança denominada NATO, logo seguida pelas SEA-

TO e CENTO, lideradas pelas principais potências marítimas e destinadas à expansão do imperialismo. Suas doutrinas derivam da doutrina militar americana, que passou por três estágios ou concepções: (5:158-9)

Até o início dos anos sessenta, corresponde ao período da "retaliação maciça". Sua essência era a ameaça de destruição nuclear por ataques da aviação, baseada em terra e embarcada. Assumia que somente uma guerra nuclear global poderia ser conduzida contra a URSS. Formou-se, então, um anel de bases aéreas, cercando a União Soviética, e os navios-aeródromos preenchiam os claros dessa rede nos espaços marítimos.

Com o desenvolvimento dos mísseis balísticos nucleares soviéticos, o território americano perdeu a sua pretensa invulnerabilidade. Criou-se uma situação de dissuasão mútua.

A Administração Kennedy lançou então a "resposta flexível", que permitia a opção entre uma guerra nuclear ou guerras limitadas, com ou sem o recurso às armas nucleares.

Os mísseis Minuteman e o sistema submarino Polaris passaram a ser as principais armas nucleares estratégicas. Na Marinha, os navios-aeródromos e sua aviação de ataque transformaram-se no núcleo do poder de ataque das forças de emprego geral.

Em 1971, foram lançadas as bases da concepção de "dissua-

são real", decorrente da Doutrina Nixon e que requeria a manutenção de uma "capacidade nuclear suficiente", isto é, a capacidade assegurada de desferir um segundo golpe destruidor, mantendo, porém, a possibilidade de combater em qualquer situação.

Ênfase foi dada à mobilidade estratégica das forças armadas e para a "estratégia oceânica", pela qual as forças estratégicas principais seriam transferidas para as vastidões do Oceano Mundial. Como plataformas, seriam usados os submarinos Trident. As forças de emprego geral seriam empregadas para o controle de áreas estratégicas importantes.

A análise efetuada levá-o a concluir que os principais objetivos da estratégia oceânica são a consolidação das posições estratégico-militares dos Estados Unidos e a garantia de sua presença global, por meio de forças navais. Infere que essas idéias foram tomadas emprestadas dos ideólogos da expansão americana no fim do século passado, especialmente de A. Manhã, mas atualizadas com relação à política imperialista atual.

Analisando o desenvolvimento no pós-guerra, da frota ocidental, assinala o quase desaparecimento dos encouraçados e dos navios-aeródromos de escolta. Nota-se que a drástica redução do número de navios-aeródromos foi compensada pela melhoria na qualidade dos novos navios e aeronaves; tam-

bém resultou no decréscimo numérico de cruzadores, contratorpedeiros e fragatas de escolta.

Hoje, as tarefas mais importantes para as Marinhas dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha são a destruição de objetivos terrestres e de submarinos. A defesa das comunicações marítimas passou a ter importância secundária desde 1957. (5:177)

Para Gorshkov, o desenvolvimento da esquadra soviética no pós-guerra teve dois estágios:

Na década 1945-1954, era uma Marinha de ação costeira, e a sua postura no nível "operacional-estratégico" era defensiva. Suas tarefas eram o apoio aos flancos costeiros do Teatro de Operações Terrestre e o ataque às comunicações marítimas do inimigo, quando próximas das suas costas.

Ao primeiro teste com armas atômicas, ocorrido em 1949, seguiu-se a já citada revolução científico-tecnológica-militar, que permitiu ao Comitê Central do Partido Comunista decidir pela construção de uma esquadra oceânica, armada com mísseis nucleares. A política formulada pelo Partido deveria convencer ao Pentágono que o oceano tinha perdido o seu papel de escudo defensivo.

O segundo e atual estágio de desenvolvimento tem a sua origem em 1954, quando a esquadra obteve armas nucleares. No mais curto prazo, construiu-

se uma esquadra oceânica, qualitativamente nova.

As linhas gerais para o desenvolvimento da esquadra foram: a construção de uma força de submarinos com propulsão nuclear; a introdução dos mísseis de ogivas nucleares e a criação dos sistemas nucleares submarinos; o aparelhamento com aviões-navais de longo alcance; a introdução de aeronaves a bordo; o desenvolvimento de sensores e de forças anti-submarino; a automação do controle de armas; e o largo emprego de equipamentos eletrônicos e de computadores.

Os requisitos operacionais das unidades produzidas foram baseados na tese de que uma esquadra moderna, devido à universalidade de suas missões, precisa ter diversas forças especializadas. A proporção entre os tipos de navios deve ser tal que permita a criação de dispositivos ou de grupos táticos para ação independente ou em ligação com as demais Forças Armadas.

O submarino nuclear com mísseis balísticos é o principal componente da esquadra. Os demais submarinos nucleares transportam armas táticas, mas formam parte do escudo estratégico da "mãe-pátria".

Os navios de superfície garantem o posicionamento estratégico dos submarinos nucleares de mísseis balísticos, que não podem garantir, por si só, as

suas invulnerabilidades; são ainda úteis para a guerra anti-submarino, operações anfíbias, guerra de minas, "link" para comunicações etc.

A tendência atual da aviação naval é para a especialização por tarefas, mas a sua importância nas lutas anti-submarino e antinavio está crescendo rapidamente.

A ARTE DA GUERRA NAVAL

Sob esse título, Gorshkov analisa diversas "categorias" relacionadas com a teoria e a prática de conflitos armados no mar, ressaltando que o seu conteúdo não é estático e fundamenta-se no estudo da história, com base no materialismo dialético.

Inicialmente, discute, em linhas gerais, o emprego de "esquadra contra terra" e de "esquadra contra esquadra". Observa que, num cenário oceânico de conflito nuclear global, o uso da esquadra contra objetivos terrestres² é dominante, porque pode influenciar decisivamente o desenrolar e o resultado da guerra. Em consequência, passou a governar a construção das esquadras e o desenvolvimento da Arte da Guerra Naval.

O emprego de uma esquadra contra outra esquadra passou a ter importância secundária (operação componente). Dentro dessa categoria, os principais es-

2. N. A.: Tarefa de ofensiva estratégica.

forças devem ser voltados contra os sistemas nucleares-estratégicos navais do inimigo (submarinos), para os ataques às comunicações navais (linhas de transporte e suprimento) e ao comércio oceânico inimigo, sem esquecer a defesa das suas próprias linhas oceânicas.³ (4:213-21)

A seguir, observa que o alcance e o poder de destruição das armas multiplicaram a extensão espacial das áreas de conflito no oceano e geraram um substancial incremento no número das tarefas estratégicas a serem desempenhadas pelos grupamentos navais. Cada navio, pois, deverá ser capaz de desempenhar várias tarefas. O valor de cada grupamento naval não deverá ser medido pelo número de navios e sim pelas suas qualidades, ou potenciais de ataque.

O potencial de ataque das forças navais contra terra assumiu contornos estratégicos na atualidade.

A batalha no mar permanece um meio para solucionar problemas táticos, mas, modernamente, assumiu o caráter tridimensional, podendo exigir o emprego de forças especializadas diversas, e a avaliação da situação, em alguns casos, só poderá ser obtida com o auxílio de satélites artificiais.

Haverá a necessidade de um perfeito controle das interferências mútuas entre forças navais e entre essas e as dos demais ramos das forças, que operem isoladamente ou em conjunto.

Embora não adote a mesma terminologia, Gorshkov conceitua o domínio do mar na guerra moderna da mesma maneira que os ocidentais conceituam a tarefa de controle de área marítima. Esta poderá ser amplamente adotada para permitir que grandes grupamentos navais possam cumprir as tarefas principais que lhes forem atribuídas. A distinção entre o domínio tático e o estratégico refere-se às diferenças nas dimensões das áreas a serem controladas e aos períodos de tempo planejados de manutenção do controle.

Observa que a Arte da Guerra Naval em guerras locais tem-se caracterizado pela condução de operações segundo formas e modos já testados nas guerras anteriores, e pelo aproveitamento das oportunidades surgidas para testar-se novas armas.

Gorshkov descreve o emprego das Marinhas antes do início das hostilidades, concluindo que a Marinha soviética é um instrumento da política externa⁴ de seu país em tempos de paz, embora os seus propósitos divirjam dos propósitos dos Estados imperialistas.

3. N. A.: Tarefas de controle de área marítima e/ou negação do uso do mar ao inimigo.

4. N. A.: Tarefa de Presença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Almirante Gorshkov, em sua tese sobre o Poder Marítimo do Estado, revela-se um entusiasta do emprego de um poder marítimo sistêmico e integrado, em proveito da construção do comunismo e do bem-estar material de seus construtores. A inclusão da componente militar em sua concepção de poder só se justifica enquanto o imperialismo existir.

Mas, certamente, Gorshkov não é apenas um advogado do poder marítimo; ele foi o arquiteto da moderna Marinha soviética, que hoje tremula a bandeira com a foice e o martelo em todos os oceanos, em aberto desafio às grandes potências marítimas ocidentais.

Da leitura de sua obra, pode-se recolher elementos que, juntamente com a observação permanente das atividades, exercícios e dos meios já desenvolvidos, propiciam o entendimento da formulação estratégica marítima soviética.

Foge do propósito deste ensaio um estudo com tal profundidade; útil, porém, será esboçar, em linhas muito abrangentes, o cenário estratégico naval, tal como imaginamos que era na época da publicação das idéias do Almirante soviético, para que possamos inferir, em termos gerais, quais seriam os principais conceitos estratégicos navais e as tarefas a cargo das forças navais soviéticas.

Em meados da década de setenta, o "Oceano Mundial" era a principal arena da disputa global das superpotências, que já haviam alcançado um relativo equilíbrio em termos de poder destruidor de suas forças nucleares estratégicas.

As forças dos teatros de operações marítimos, geograficamente dispersas pelo mundo, mantinham um quase permanente contato com as forças opostas, propiciando uma alta probabilidade de propagação de crises, mesmo se elas não se originassem no alto-mar.

Os Estados Unidos e seus aliados da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) mantinham um virtual monopólio quanto à aviação embarcada e clara superioridade em termos de forças anti-submarino, de apoio logístico (reabastecimento no mar) e de assalto anfíbio, além de seus submarinos serem mais silenciosos e possuírem maior capacidade de detecção. Acresce que a superioridade da OTAN, no que tange às bases navais e facilidades em terra, era evidente.

A desvantagem da URSS, em termos de posição geográfica, poderá ser bem entendida se considerarmos que a base de submarinos nucleares (SSBN) em Petropavlosk no Pacífico é a única a partir da qual os navios soviéticos podem ter acesso direto ao alto-mar sem cruzar as "barreiras" ou postos de destruição ocidentais. Outrossim, a maioria dos portos soviéticos fi-

ca obstruída por gelo durante muitos meses por ano. A geografia confere, pois, uma forte vantagem ao bloco ocidental que, de certa forma, é atenuada pela maior dependência do tráfego marítimo, gerada por séculos de vantajosa exploração comercial e militar.

Além dos mísseis estratégicos, sabe-se que cada superpotência mantém mais de 5.000 ogivas nucleares táticas embarcadas nos seus navios de superfície, nos submarinos de ataque e nas aeronaves embarcadas ou nas baseadas em terra. Desse modo, qualquer desses meios pode desempenhar ou tarefas táticas ou estratégicas. (1:43)

Se concordarmos que cada bloco deverá adotar um conceito de emprego coerente com sua posição geoestratégica e seu poder naval, inferimos que, em vista da sua superior dependência das linhas de comunicações oceânicas, o objetivo primordial dos EUA e seus aliados será bloquear as forças soviéticas nas águas próximas ao seu litoral, ou seja: ao Norte da linha Groenlândia - Islândia - Grã-Bretanha, no Atlântico; antes que penetrem no Mediterrâneo navegando pelos estreitos de Bósforo e Dardanelos; e antes que cruzem os estreitos que conectam os mares do Japão e de Okhotsk ao Pacífico.

A mais alta prioridade para a URSS parece ser impedir a passagem de unidades navais ocidentais pelos mesmos acidentes geográficos - onde estão mon-

tadas as mencionadas "barreiras" ocidentais - a fim de manter "santuários" para os seus SSBN no Ártico, no Mar Negro e no Mar de Okhotsk e dificultar o ataque naval ao solo pátrio por aeronaves embarcadas ou por mísseis de cruzeiro.

Esses conceitos estratégicos antagônicos são, de certa maneira, complementares. O desafio maior será um dos partidos pretender operar forças ou navios em águas controladas pelo bloco oponente.

Do pensamento do Almirante Gorshkov exposto nas seções anteriores e do cenário estratégico por nós inferido, concluímos que as principais tarefas a cargo da Marinha soviética poderão ser:

- Ofensiva estratégica: basicamente por SSBN, que se transformaram no novo Navio-Capital, contra alvos no território continental dos Estados Unidos ou em solo euro-asiático, em defesa da "Mãe-Pátria".
- Controle de Área Marítima: desempenhado por grupos-tarefas compostos de navios de superfície, submarinos e aeronaves embarcadas e/ou baseadas em terra, cuja ação visa, principalmente, possibilitar a realização de ações estratégicas contra terra. Esse controle será total nos oceanos e mares interiores aos perímetros defensivos aqui discutidos a fim de prover "santuá-

rios" para os SSBN, proporcionar apoio aos flancos marítimos dos teatros de operações terrestres (na ofensiva e na defensiva), defesa de instalações litorâneas etc. Será móvel ou de duração limitada, no caso de visar o cumprimento da tarefa de ofensiva estratégica no Atlântico, Mediterrâneo ou Pacífico.

- No cumprimento deste controle, poder-se-á visualizar batalhas no espaço aéreo sobrejacente, na superfície e, provavelmente, submarinas, em que os novos navios capitais (SSBN) serão apoiadas pelos elementos que atuam nos três ambientes onde operam os meios das forças navais da atualidade.
- Negação do uso do mar ao inimigo: a ser desempenhada pela aviação naval, pelos navios de superfície, e pelos submarinos de ataque que no início das hostilidades estiverem posicionados fora do perímetro defensivo e que tenham por objetivo destruir os SSBN ocidentais e/ou interferir nas rotas de suprimento para a Europa e Extremo-Oriente;
- Presença: cumprida pelas forças e unidades navais globalmente dispostas antes do início das hostili-

dades e que visam a defesa dos interesses do Estado soviético, principalmente para interpor-se aos poderes marítimos rivais nas situações de crise ou, mesmo intervir no Terceiro Mundo.

- Nesse contexto, predominantemente, situam-se as unidades soviéticas que freqüentam o Atlântico Sul e o Índico, em tempos de paz, embora não se possa descartar totalmente a possibilidade que tentem apoiar a realização das demais tarefas no início da guerra.

Resta-nos especular qual teria sido a sua motivação para publicar e disseminar fartamente as suas idéias.

Gorshkov, após assumir o cargo de Comandante da Marinha, viveu uma situação que guarda uma certa semelhança com a do Almirante Von Tirpitz, tentando convencer ao Kaiser da Alemanha Imperial - grande potência continental - que era necessário construir uma Marinha oceânica para desafiar a Grã-Bretanha, que era a "Rainha dos Mares". Nessa época, poderia ter dito: "Dêem-me mais navios, mísseis e aeronaves que minha Marinha colocará esses imperialistas de joelhos."

Não escreveu exatamente isso, porém, a partir das crises de Suez (1956) e dos mísseis de Cuba (1962), utilizando-se de uma lógica dialética nos moldes marxistas, conseguiu convencer

à liderança política de seu país que o surgimento de novas circunstâncias históricas impunham a existência de uma Marinha forte, digna de receber maior atenção na alocação de recursos e nas decisões político-militares. Esses argumentos certamente contrapunham-se aos dos estrategistas da escola clássica, que no passado haviam imposto à Marinha um papel subalterno sob a égide do Exército, e que preconizavam como tarefa maior das forças navais o engajamento com as forças de superfície convencionais.

Gorshkov procurou demonstrar que profundas mudanças haviam ocorrido na política e nas formas de emprego do poder no mundo, incluindo nessa transformação o conceito de Poder Marítimo. O atual desenvolvimento tecnológico permitia que cidades como Moscou podiam ser destruídas, não apenas por aviões ou exércitos, mas antes pelos mísseis balísticos ocidentais lançados por submarinos imersos.

Chamou a atenção para o fato de que os tradicionais inimigos continentais da antiga Rússia foram hoje substituídos por uma coalização de nações marítimas e que nesse novo cenário político-estratégico a missão maior da Marinha soviética ainda é a defesa da pátria mas, de agora em diante, usará o seu poder contra os potenciais militar e industrial inimigo em terra

e neutralizará os seus submarinos balísticos.

O Estado deve pois manter as suas forças numa configuração diferente para adaptar-se à evolução da História. Por motivo da crescente importância do mar como via e como depósito de riquezas, nenhuma nação pode representar um papel importante na cena mundial sem dispor de uma poderosa Marinha.

Nesse contexto, a publicação da obra *O Poder Marítimo do Estado* deve ser encarada como um orgulhoso testamento de um Chefe naval, quase setuagenário, sob cujo comando a Marinha soviética deixou de ser uma força costeira para rivalizar com a principal potência marítima da atualidade.

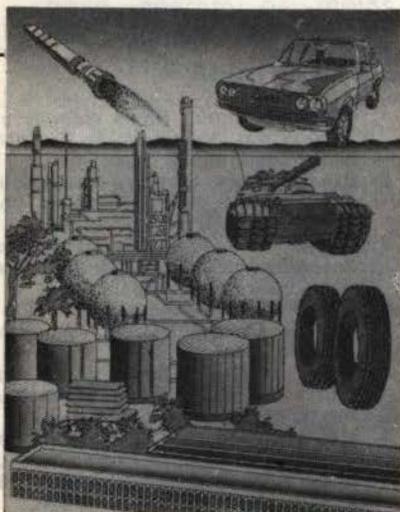
BIBLIOGRAFIA

1. BALL, Desmond. *Crisis stability and nuclear war*. New York. N. Y. Cornell University, 1987.
2. BULL, Hedley. *Sea power and political influence*. *Adelphi Papers*, London (122): 1-9, Spring 1976.
3. CRACKNELL, William H. *Soviet naval developments 1982*. London, Arms and Amour Press, 1981.
4. GORSHKOV, S. G. *red star rising at sea*. 2 ed. Annapolis, Md., Naval Institute Press, 1978.
5. . *The sea power of the state*. Annapolis, Md., The Naval Institute Press, 1979.
6. MACEDO, Mauro Vianna de Araripe. *Gorshkov e o poder marítimo do estado*. Rio de Janeiro, EGN, 1983. Ensaio apresentado no C-SGN.
7. MAHAN, Alfred Thayer. *The influence of sea power upon history*. 12 ed. Boston, Little & Brown, 1947.
8. OSGOOD, Robert E. *Containment, soviet behavior, and grand strategy*. *Policy Papers in International Affairs*, Berkeley, Calif., (15): 1-8, 1981.

9. POLMAR, Norman. *Soviet naval power: challenger for the 1970s*. New York, N. Y., Crane & Russah, 1974.
10. ROHWER, Jürgen. Admiral Gorshkov and the influence of history upon sea power. *Proceedings*, Annapolis, Md., 107 (5): 150-73, May, 1981.
11. WATSON, Bruce W. Comments on Gorshkov's "Sea Power of the Sta-
te". *Proceedings*, Annapolis, Md., 103 (4): 41-7, Apr. 1977.
12. WESTWOOD, J. T. *Soviet naval strategy 1968-1978: a reexamination*. May, 1978.
13. ZUMWALT, Elmo R. Mahan do século XX? *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, 95 (1/3): 151-7, jan./mar. 1975.



Capitão-de-Mar-e-Guerra AUGUSTO SÉRGIO OZÓRIO - Formou-se na Escola Naval no ano de 1959. Fez todos os Cursos de Altos Estudos Militares da Marinha Brasileira e exerce atualmente a função de Encarregado do Curso de Política e Estratégia Marítima da Escola de Guerra Naval.



A Empresa, fundada em 04.03.1962 pela PETROBRAS foi inicialmente denominada FABOR.

Em julho de 1968 foi incorporada à Petrobrás Química S.A. - PETROQUISA e, a 11.02.1977 foi constituída como PETROFLEX Indústria e Comércio S.A. e hoje é a maior produtora de borracha sintética da América Latina.

Produzimos também um tipo de borracha líquida, o LIQUIFLEX H, que, no campo militar, é utilizado como componente dos combustíveis sólidos dos foguetes, tornando desta forma, auto-suficiente o programa aeroespacial brasileiro.



Administração Central e Parque Fabril em Duque de Caxias - RJ
Rua Paraná s/nº - Duque de Caxias - RJ - Caixa Postal 76079 - CEP 25000 - TX (021) 34778 PTFX BR
Central de Comercial
Av. Paulista nº 2073 - 22º andar - Conjunto Nacional - Edifício Horsa 11 - 01311 - São Paulo - SP - Brasil
Tel. 283-1933 - Telex nº 011130633 UICF e 011138399 UICF